

## Revolução, emancipação, organização política, liderança: COMO SE DESLOCA UMA MONTANHA

18 de Janeiro de 2010 por Carlos Vidal



FRANCIS ALYS. *Cuando la Fe Mueve Montañas*. 2002.



Muitas e variadíssimas vezes temos aqui discutido no **5dias** as necessárias ligações, ou conflitos, entre uma sentida necessidade de emancipação social, o veículo organizativo conducente a essa emancipação, o lugar (eventualmente arqueológico para os libertários, mas não para mim) do partido e, em todo esse processo, o lugar da liderança (colectiva ou unipessoal) dessa aventura ou necessidade humana inadiável. Trata-se de uma argumentação em quatro vértices, para simplificar: **1) emancipação; 2) organização política; 3)**

#### partido; 4) liderança.

Tecendo algumas pertinentes considerações sobre as próximas eleições presidenciais, o **Miguel Serras Pereira** volta ao assunto, de novo para me posicionar como um defensor da ligação emancipação-organização-partido-liderança. Em resposta imediata ao Miguel apenas me cabe dizer que não poderia defender em exclusivo (ou obsessivamente) esta ligação (o que se entende melhor lendo um trabalho que publiquei sobre Alain Badiou, o livro *Sombras Irredutíveis*), mas, por outro lado, numa abertura que assumo ao “aleatório do acontecimento emancipação”, não poderei também rejeitar tal entretencimento, o que pressupõe, da minha parte, **compreensão (e, muitas vezes, defesa) pelas aventuras de Lénine, Estaline ou Mao-Tse Tung, não me custando mesmo nada considerar, deste último, a Revolução Cultural (1966-76) como uma das mais radicais e mesmo pedagógicas experiências de emancipação da segunda metade do século XX.**



Lembrei-me uma outra vez desta minha argumentação quando, numa recente aula, apresentei a obra teatral-artística-performativa de **Francis Alÿs**, *Cuando la Fe Mueve Montañas*, de 2002. Ou melhor, esta obra de Alÿs, um artista que muito me interessa, fez-me indirectamente recordar algumas das nossas discussões neste café, porque ela supõe todos esses pressupostos: **a emancipação** (ou o sonho da emancipação, no qual se tem de acreditar), **a organização** (extrema), **a análise da sociedade** envolvente e uma **necessária liderança**, venha ela a tomar seja que forma for (por exemplo, a obra de arte, ou o seu “autor”). Começamos pelo princípio.

Alÿs, portanto. Artista nascido em Antuérpia em 1959, passou em 1987 a residir na Cidade do México. Alÿs é, simplificando, um artista político, no sentido em que muito bem o define Jean Fisher (com quem colaborei em *Over Here*, para o MIT Press, um livro também com “projectos visuais” de Alÿs, sobre política e pós-colonialismo): **o artista político é aquele que instala no “corpus” da obra de arte (de todas as obras de arte) uma crise de sentido; a sua mensagem é/ tem de ser direccionada, logo, o sentido restringe-se; mas esta crise do sentido e da significação extravasa a obra de arte e espelha a sociedade circundante como algo também sem sentido. Por isso, obviamente, a arte política deve promover processos de transformação social (porque a sociedade existente não tem forçosamente de possuir sentido algum).**

Do desenho à pintura, do vídeo à performance de grande escala e dimensões (em número de figurantes, por exemplo), Alÿs já tudo ou quase tudo experimentou. No início dos anos 90 (até 1997), Alÿs fazia pinturas que depois pedia a pintores de cartazes que delas fizessem ampliações, mostrando estas ampliações, trabalhos

desse modo de autoria grupal, colectiva ou cooperativa. Depois, segue-se o seu mais conhecido “projecto peripatético”. Na Bienal de Havana de 1994, realiza *Magnetic Shoes*: fixa magnetes aos seus sapatos, caminha sem mapa ou destino pela cidade, e, no fim, traz pegado aos sapatos tudo aquilo que, por acaso, foi ficando neles agarrado. *Narcoturismo*, data de 1996, apresentada em Copenhaga: o artista caminha sete dias pela cidade de Copenhaga, cada dia sob o efeito de uma droga diferente. Mas, a sua obra mais conhecida e de maiores ambições foi *Cuando la Fe Mueve Montañas*, apresentada em Lima, 2002. É esta obra que expõe, de modo interessantíssimo, a relação entre emancipação e organização (mas não é este o seu único tema).

Em Ventanilla, zona de dunas já fora do perímetro urbano de Lima, Alÿs depara-se com um território onde vivem em extrema pobreza, em barracas mais ou menos dispersas sem água nem luz, cerca de 70.000 pessoas. No quadro da Bienal de Lima desse ano, **Alÿs propõe-se convidar cerca de 500 pessoas, cada uma munida apenas de uma pá, com o objectivo de... deslocar uma duna do seu local original. E consegue-o!!, como eu disse, com saber, liderança e organização (extremas)**. O tópico da obra de Alÿs era este: fazer crer às gentes de Lima, de Ventanilla e do Peru, que a vida pode mudar, a política pode mudar. Mas, **como o artista não se propunha fazer uma “revolução” armada, então recorreria à metáfora, à alegoria e à fábula para a todos mostrar caminhos e lhes inculcar consciência crítica**. Através de uma obra de proporções bíblicas (o termo “fé” não estava no título por acaso); mas, entretanto, como a obra foi concretizada, pretendeu Alÿs mostrar que não se deve ter apenas “fé” na mudança, mas deve ela/pode ela ser realizada. Aqui e agora.

Daí que esta obra seja também o relato de um conflito: entre fé e acção, ligando a esperança à intervenção. Quinhentas (500!!) pessoas vestidas de branco alinharam-se rigorosamente no sopé da duna, munidas de uma pá, que a todos foi distribuída. A linha horizontal por estas pessoas formada não se desfez desde baixo até ao cimo da duna, e depois todos ordenadamente fizeram o percurso descendente. **Resultado: a duna moveu-se!!**, não importa quanto, mas moveu-se: esperança e acção fizeram deslocar uma duna, ou uma montanha (cerca de 10 cm).

Muito haveria ainda a dizer desta obra e do trabalho de Francis Alÿs, um dos artistas contemporâneos mais justamente valorizados, mas ficar-me-ia por aqui: **a esperança, a necessidade, a organização e a liderança também podem fazer revoluções**.

(**Catálogo**: Cuauhtémoc Medina, Francis Alÿs, orgs., *When Faith Moves Mountains/Cuando la Fe Mueve Montañas* [e ainda textos de Susan Buck-Morss, Lynne Cooke, Gerardo Mosquera, etc.], Madrid, Turner, 2005)

[ShareThis](#)

Publicado em cinco dias | [5 comentários](#) »

## Comentários

**Comentário de Algarviu**

**Data:** 18 de Janeiro de 2010, 2:14

Carlos,

Dirigindo-me apenas ao último parágrafo, como compaginar esta leitura com Lenine e Caravaggio de outros posts?

**Comentário de Carlos Vidal**

**Data:** 18 de Janeiro de 2010, 2:57

Caro Algarviu, compreendo a pergunta.

Falo aqui em organização e liderança, a partir da experiência de uma obra artística. Extravaso-a, sim, para a política. Mas não digo como é que, no contexto do “acontecimento”, organização e liderança (liderança da organização e não forçosamente do território ou país) se têm de comportar. O ponto de partida, assumo-o no texto e a partir de um livro meu, é o do

“acontecimento” em Badiou, conceito aproximável à revolução política (artística, científica, amorosa). No seio da revolução, nesse momento, há que agir e decidir na base de quase nada. A essa decisão segue-se uma assunção ou fidelidade à decisão. Esta firmeza é própria de um gesto organizado. Algo acontece, esse algo eu não o entendo lá muito bem, mas a esse algo eu posso ser fiel. Depois, firmemente fiel e organizado.

Repare, no dia 25 de Abril de 1974, às primeiras horas da manhã, a população de Lisboa sai à rua e decide solidarizar-se ou pôr-se do lado dos golpistas. No momento dessa “decisão” da população (que se manteve firme do mesmo lado e durante todo o dia, e dias seguintes) nada garantia que esse golpe não era um golpe chefiado pelos ultras do regime de Caetano. Mas foi colectivamente tomada uma “decisão”. Tal se efectivou na base de uma intuição. A partir dessa intuição, população e militares foram um exemplo extremo de organização. O sucesso do golpe foi total. A estratégia excepcional (Otelo, não esquecer).

Conciliação exemplar entre intuição e organização.

#### **Comentário de almajecta**

**Data:** 19 de Janeiro de 2010, 17:14

organização liderança e neo-realismos de bancada e sofá.

#### **Comentário de Carlos Vidal**

**Data:** 19 de Janeiro de 2010, 18:05

Não, não é bem isso grande Jecta. Não se trata de um crítica neo-realeira, trata-se antes de uma coisa perigosa que aqui é metaforizada, e que, pelos vistos (ou pelo não visto), parece incomodar e fazer medo: é que daqui emana um projecto de emancipação, de transformação do impossível a partir da extrema coesão. Esta obra expressa uma quintessência da modernidade: o colectivo. Quando li Lyotard, há muito, ele dizia que um projecto colectivo já não mobilizava ninguém (por exemplo, convencer os franceses a ultrapassar o PIB alemão, acho que era este o exemplo); mas aqui configura-se uma força que só existe num colectivo fortemente organizado e mobilizado. A obra “Cuando la fe...” é moderna e é... algo “terrorista”, ilegal (um colectivo organizado não obedece à lei porque pode mudar a lei, as leis). Repara, até daqui pode nascer uma ideia de liberdade: a liberdade é a possibilidade de, através da extrema coesão, fazer deslocar uma montanha. Quer dizer, a liberdade não tem de ter o “possível” como horizonte. A liberdade não é a “liberdade de expressão, reunião, associação”. A liberdade é a “liberdade de transformação” do que, à partida, não pode ser transformado.

#### **Comentário de almajecta02**

**Data:** 19 de Janeiro de 2010, 19:51

pois, ... a fé não move montanhas (na verdade coloca montanhas onde não há nenhuma) ... (Friedrich Nietzsche, “O Anticristo, continua com fé, convicção e coragem, eu hei de lá chegar, ao colectivo e ateu.

## **Escreva um comentário**

**Nome:**

**E-mail:**

**Website:**

**O comentário:**

Submit

**Notificar-me dos comentários que se seguirem (Notify me of followup comments via e-mail)**

## Tag Cloud

5dias Aborto Activistas Add new tag arquitectura bicicultura Blogues Brasil Bush ciência concursos públicos congresso do PS crise cultura current.com current tv educação espaço-público Esquerda EUA Europa França futebol grécia greek riot Guerra-ao-terrorismo humor intelectuais internet irão iran israel liberdade Lisboa Livros media obama Política Portugal remix Sócrates Sociedade trapos velhos Vídeo youtube

---

↳

artigos (RSS) and com comentários (RSS).  
admin and Iniciar Sessão